

Ebó para uma psicologia dos pés no chão: entre avó(s), território(s) e encantamento(s)

Leonardo Brandão Delvalle Regis

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137475>

*"Eu não posso mudar o mundo
Mas eu balanço
Mas eu balanço o mundo".
(Juliana Linhares - "Balanceiro")*

Tempo de escrever e dizer. Percepções vão se abrindo. Trazem ao presente vivências outras, encantamentos que acendem forças, territórios que eram práticas de cuidado e de saúde. A psicologia latino-americana qual anuncio, nasce na beira do rio, nas fronteiras e rincões desse continente diverso e abençoado.

Fizeram-nos crer que não temos memória, conceitos próprios de bem viver. Fizeram-nos crer que nossos conhecimentos em cuidar de nossa saúde mental deveriam ser importados do Norte, da medicina, da assepsia, somente. Como alerta Édouard Glissant, "o que o Ocidente exportou para o mundo, e impôs ao mundo, não foram suas heresias, mas seus sistemas de pensamento, seu pensamento sistêmico" (Glissant, 2021, p. 79). Assim, impõe-se a ideia limitante de que "nós não-euro-anglo-americanas devamos viver por e à altura dessas teorias" (Anzaldúa, 2021, p. 132-133).

Tentaram, mas, não conseguiram, cobrir nossas percepções (raízes) de embasamentos teóricos convincentes, mas distratores das diferenças, do nosso chão de cada dia. Afinal, como aponta Silvia Rivera Cusicanqui, "no colonialismo, há uma função muito peculiar para as palavras: elas não designam, mas encobrem" (Cusicanqui, 2020, p. 29).

Este trabalho visa ser um ebó de reconfiguração, de dismantelamento de uma psicologia que, agora, vai se permitindo ser mais encruzilhada do que ponto de chegada, embora a teimosia colonial evoque a todo instante o sentido da falta em nossos corpos. Como se estivéssemos a todo tempo "devendo algo", devendo alguma explicação, para assim, de fato, sermos e fazermos ciência.

A metodologia deste trabalho, portanto, consiste em permitir que as memórias e narrativas ancestrais possam ganhar espaço como construção de conhecimentos sobre o

bem viver, sobre uma psicologia do cotidiano, analisando-as criticamente em contraponto às teorias psicológicas coloniais.

É por meio de uma respiração profunda e de uma gargalhada que evoco *Esú* em mim, a possibilidade epistêmica e existencial para abrir caminhos frente ao afeto colonial que aparece aqui, para ser contradição, movimento, mais do que ser evidência estática, ser conhecimento em construção contínua. "O ato de escrever é um ato de fazer alma, uma alquimia" (Anzaldúa, 2021, p. 52).

Faço deste escrito uma feitiçaria, pois exige "escrever, ler, traduzir, performar, criar, falar, pensar em voz alta contra a constante expectativa de falha e erro, contra toda a lógica social que institui a brancura e a cisgeneridade, bem como sua presunção de subjetividade autoestabelecida" (Mombaça, 2021, p. 50).

Afeto triste, impositivo, arbitrário que, inclusive, fez essa escrita demorar a acontecer. A colonialidade que, aqui também, perturba e que estrutura rumos lineares. Estar mais atento aos efeitos coloniais é convite, no que produz e no que pode produzir em outros corpos. Não há garantia de vencê-la, mas o desejo de ser mais que essas forças já mobiliza e convida movimentos e questionamentos que rompem, mesmo que progressivamente, lentamente, cotidianamente o que foi deveras colocado para dentro como um corpo não convidado- invasor.

Violência epistêmica colonial, que violenta corpos, desde a primeira infância, quando não antes, trazendo ao processo educativo a ideia da falta. Como se fosse ela que nos mobilizasse. E o desejo? Quem era minha avó em seu oratório no fundo de sua casa? Quem eram as forças que ali habitavam? Será que era só a falta que ali estava presente? Ou desejo, o encanto, o reconhecimento frente às demandas da vida? O que fazia ela, minha avó, acordar todos os dias e acender as velas, tomar banho de ervas e usar branco às sextas-feiras? Era só a falta?

Ali, habitava também o desejo, desejo que hoje traduzo, dentre outros, de manter a saúde mental, não de forma individual, mas de uma comunidade-família. Compreendendo que "o desejo é a própria essência do homem" (Spinoza, 2007, p. 168) e que "ninguém, portanto, a não ser que seja dominado por causas exteriores e contrárias à sua natureza, descuida-se de desejar o que lhe é útil, ou seja, de conservar o seu ser" (Spinoza, 2007, p. 170).

A saúde mental foi e é cuidada/promovida prioritariamente por mulheres no Brasil. Penso que, em nossas origens, podem-se apontar tecnologias ancestrais, míticas, que tratam do bem viver, do *sentirpensar*, de um corpo vivente e conectado, muito antes

disso ser pensado academicamente. A universidade, a academia, o saber científico “concretou” os chãos de nossas avós, “sufocou” raízes que, mesmo assim, insistem em renascer, quebrando o concreto pelo pulsar da vida, mesmo sendo chamadas de ervas daninhas. Fazer-se planta que rompe o concreto é um chamado. E uma *ori-entação*.

Assim, começo a trazer elementos para compor o caminho ou a encruzilhada desse texto. Psicologia feita pelos pés no chão. Reconheço com isso que "aqueles que se encontram aqui vêm sempre de um 'lá', da vastidão do mundo, e eis que estão decididos a trazer a este aqui o frágil saber que arrastaram consigo. Um saber frágil não é ciência imperiosa. Intuímos que estamos a perseguir um mero rastro" (Glissant, 2021, p. 16). Essa é a psicologia brasileira que quero ver e vejo brotar.

Uma psicologia que vem daqui, do cheiro de terra molhada que acalanta, do cheiro de café coado pela manhã, do sinal da cruz que se faz para se pedir licença e proteção para um novo dia. "Sabemos que o rastro é o que nos coloca a todos, de onde quer que venhamos, em Relação" (Glissant, 2021, p. 16). Psicologia que é vívida. E mora em atos de viver sendo.

Um esperar que se alegra com o desenvolvimento alheio, que de alheio só o nome, quando alguém de minha comunidade vence, sou eu vencendo. Esse Brasil existe. Mesmo que a psicologia tenha por tanto tempo se dado conta de um Brasil que precisava se desenvolver de outras formas. E como Bispo fala, aí nasce a falta de envolvimento, no des-envolvimento (Santos, 2023) E quanto nos ocupamos disso, ao sermos fiéis demais ao desenvolvimento e pouco ao envolvimento. Para envolver, um elemento é essencial: o território. Temos em outras linhas já falado dele.

Local, terra que fertiliza, nutre e dá condições de viver. São territórios que compõem nosso psiquismo. Psique não como um atributo apenas do cérebro, mas como uma força de vida, que acontece na corporalidade, no encontro, na relação. Com isso, passo a instigar você, leitor(a), para sentir essas palavras: que territórios formam seu fazer na psicologia? Pensando que sua subjetividade compreende saberes, muitas vezes adormecidos, sobre o bem viver, sobre a produção de saúde, em seu caminho, o que foi cuidado para você? E qual a tecnologia envolvida e envolvente que lhe permitiu sentir-se cuidada(o)?

Presentifica agora em seu corpo e deixe que ele lhe traga pistas, rastros... que história de sua vida, de sua memória, de sua imaginação seu corpo acessa agora quando pensa em produção de cuidado? Como é trazer a atenção a isso agora? O que isso produz em você? Que sons, que cheiros, que gostos, sentidos, se apresentam? Que

lugares você territorializa agora dentro de você? Assim, vamos pisando no chão juntos, compreendendo que por onde pisamos também é lugar e caminho epistemológico e ontológico de construções e desconstruções de práticas psicológicas.

Historicamente, estamos num amontoado de vivências, de lembranças e traumas coloniais que vão criando fronteiras por meio de inúmeras violências, onde podemos começar pela premissa que o racismo é quem funda o Brasil. Pela invasão, pela *outrificação* dos povos originários e escravizados, o colonizador passa a decidir quem tinha “alma” e quem não tinha. E, para eles, só quem tinha alma podia ser humano, onde tudo o que não tem “alma” era coisa. A catequização tem o papel colonizador e perverso de “dar alma” aos desalmados. Desde o início da invasão, do que se diz Brasil.

Catequizar é o ato de trazer um conhecimento dado como certo, único, salvador para aquilo que há de mais subjetivo, a alma. Trata-se de uma imposição sob a "racionalidade cristã" (Glissant, 2021, p. 78). Psique. A branquitude vai então definindo apenas a brancura como humana. Como pontua Frantz Fanon sobre essa sanha de domínio: "O branco nunca compreendeu esta substituição mágica. O branco quer o mundo; ele o quer para si. (...) estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação" (Fanon, 2008, p. 117).

Assim em 1500, e, assim, a cada abordagem nova sobre a psique que engolimos com modos de produção de subjetividades catequizadores e que vão formando a psicologia, vai se tornando concreto o embranquecimento do viver, do sentir e do pensar como algo a ser desejado, até hoje.

Por essa premissa começamos a perceber que a psicologia dos pés onde se pisa vai nascendo não só pelos livros, mas por saberes que serão transmitidos a partir de onde se vive. Por mais que hajam violências e apagamentos, feitas por meio de afetos tristes, destrutivos das diferenças e sanguinários, o encanto se perpetua se a ele, prestamos atenção novamente.

E uma das formas dessa perpetuação está presente na oralidade das avós. Avós que possuem a noção de comunidade, de perpetuação não só da espécie, como do viver. Viver que está ligado ao movimento, a uma ritualística de viver bem por meio do cuidado com as forças que nos movem, em *relação com*.

Avó que nos lembra de que corpo é território, que território necessita de cuidado para ofertar o mesmo. Isso porque "o ritual consagra a aliança. Partilhar o pão juntas, e outras atividades grupais que são físicas e psicologicamente representam ideais, objetivos e atitudes, promovem um aprofundamento, um espessamento entre nós"

(Anzaldúa, 2021, p. 121). Se a figura avó não traduzir nada a você, busca a sua figura, isso a ajudará nesse trajeto.

Me situo. Casa de avó, Bela Vista, Mato Grosso do Sul, a 150 metros do rio Apa, que faz divisa com o Paraguai. Casa de tábuas, fogão a lenha, varanda com rede e cadeiras de fios. Plantas decorativas e medicinais fazem parte desse local. Ao lado e ao fundo, casas de uma vila popular que minha avó cuida. Portão divide a casa da rua, só se tranca na hora que anoitece. Casa de portões abertos. No alvorecer, acende-se o fogão a lenha, esquentando a água do mate e do café. Faz-se exercícios matinais para ativar o corpo.

Vai ao oratório com imagens católicas e da umbanda, velas acesas. Reza-se. Depois, tomar mate na varanda, dando os primeiros bons dias aos passantes, chama-se e chega quem quiser vir pro mate. Café da manhã, preparo do almoço, resolver as questões do dia. Tereré com quem chegar pelo tempo final das manhãs. O almoço, a sesta pós-almoço, acordar, mais vida e afazeres, tereré e conversas pela tarde. Cuidar das pessoas, das plantas, benzer quem chega querendo uma “bença”. Recolhe-se cedo, janta-se cedo, dorme-se cedo. E desperta.

Quando está triste ouve-se Clara Nunes na vitrola. Às quartas vai à missa, às sextas usa-se branco para Oxalá. Se a visita fala guarani, fala-se guarani, se fala espanhol fala-se espanhol, se fala portunhol o mesmo, português, também. Tem dias que se desenvolve as fórmulas de cuidado transmitidas por ancestrais ou encantados. O álcool com seivo é a fórmula da Vó Aurélia, boa para feridas e coceiras; os chás, o mel, a gemada, o cuidado que se materializa.

Outros tempos é a sábia avó indígena que vem benzer a benzedeira, as mulheres se cuidam. Trocas acontecem. Reza-se em atos. O tempo corre em outra velocidade. Cheiro de café, de bolo, de sopa paraguaia, de chipa, são bênçãos e tecnologias de cuidado.

À noite, antes de dormir, conversa-se, contam-se histórias, abre-se o coração pela saudade, contam-se piadas, beijo na testa, podemos dormir. O mosquito para dormir melhor, o barulho dos sapos como música ambiente para relaxar. A ética do cuidado que não impede que o mundo acelere, que a dor de não ter ou das dívidas atrapalhe/acabe com tudo.

Afetos alegres que são cotidianamente vivenciados e nutridos com zelo por uma rotina que mobiliza, mas não enrijece. Entendendo que "um afeto é uma ideia pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menos que antes, do seu corpo" (Spinoza,

2007, p. 166). Nesses rituais de afeto do cotidiano, "quando a mente é tomada de algum afeto, o corpo é, simultaneamente, afetado de uma afecção por meio da qual sua potência de agir é aumentada ou diminuída" (Spinoza, 2007, p. 162).

E, nessa casa, a potência se multiplicava. Nutrir as fronteiras como potenciais de encontros ao contrário da lógica colonial que cria fronteira a partir das violências. Fronteira assim como possibilidade, encruza, movimento. Sabe-se o que virá ao mesmo passo que não se sabe plenamente. Paradoxos que se dobravam e desdobravam com saúde, fazem desse território lugar para se voltar existencialmente para rever a psicologia que se pode produzir no cotidiano, além dos protocolos, diagnósticos, olhar a vida que circula e responder a ela com mais vida. Algo a se provocar.

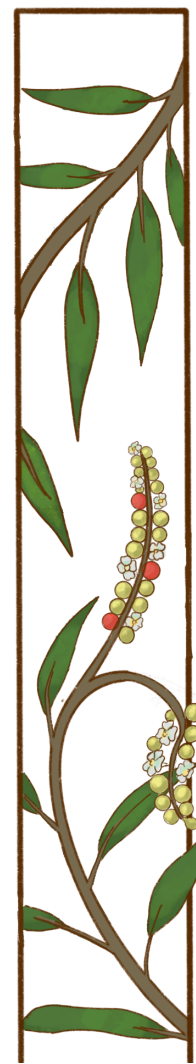
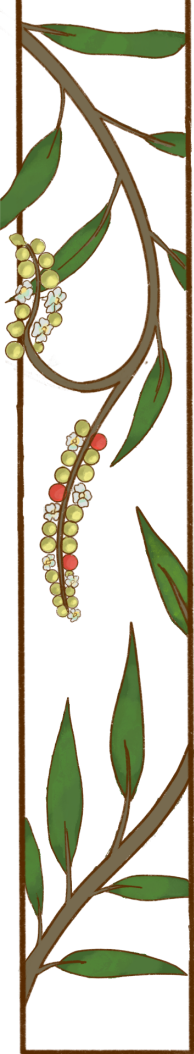
Penso que trazer o território casa de avó aqui é pensar e sentir a propositura de território como algo fluido, de chegada, saída e produções de vida. É o território o lugar que, quando considerado em sua profundidade, produz incorporações. Encantamentos do viver. Mesmo frente a todo projeto contrário. Incorporar a vida. A vida que acontece no corpo.

Corpo que se encanta a partir de sua consciência de corpo, de território. Um território onde a violência comanda é local onde o desenvolvimento se compromete. Onde o viver torna-se sobreviver. Trabalho grande de nossas avós a nos manterem mais que sobreviventes.

Com isso, quero pensar: como é o território acadêmico? Vivemos, encantando-nos ou a vida acadêmica nos torna apenas sobreviventes? O que estes questionamentos lhe causam? Evoco vivências para que você pense nas suas.

O saber científico sempre foi prezado para mim. Na escola, durante a adolescência, tive muitas dificuldades no processo de aprendizado, não conseguia me concentrar, tinha medo e vergonha; meu refúgio eram amigos, que como eu, também sentiam o mesmo, e muita imaginação, lembro de imaginar histórias e desenhar muito durante as aulas. Sofri violências psicológicas na escola por ser um corpo periférico, gay, negro (pardo), dentro de uma escola privada e de prevalência de uma elite branca agropecuária.

Nessas instituições, experienciei a dor que Fanon descreve: "Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse" (Fanon, 2008, p. 107). Torna-se evidente que "é fetiche epistemicida omitirmos clivagens racistas, sexistas e cisheteronormativas estruturadas pelo Ocidente cristão" (Akotirene, 2019, p. 28).



E, diante desse adoecimento, a alma daquele menino já gritava: "Já chega de sermos válvula de escape dos teus medos projetados. Cansamos de ser tua ovelha sacrificial e teu bode expiatório" (Anzaldúa, 2021, p. 48). Foi nesse mesmo tempo que minhas férias na casa de minha avó se tornaram refúgio e prática de outros viveres. Contudo, eu não vivi a escolha profissional de forma tranquila, fiz uma outra graduação que nada tinha a ver com meus desejos.

Penso hoje que aprendi a encobrir meus desejos, que foram se revelando após longos anos, onde começo a cursar Psicologia aos 27 anos. O desejo voltava a me mobilizar, tanto na escolha profissional como na vida pessoal. Com isso, vivi um processo educacional com entusiasmo, sendo um aluno participativo.

Psicologia experimental, psicanálise, psicologia do desenvolvimento e, depois, a psicologia sócio-histórica foram disciplinas marcantes, que me trouxeram a certeza de estar trilhando um caminho científico. Não foi automático, mas percebo hoje que foi nesse mesmo tempo que fui perdendo o contato com meus pés no chão da casa de vó.

Foi nesse tempo que o inconsciente de Freud, os conceitos de psicologia soviética, o livro de desenvolvimento humano norte-americano parecia, com respaldo, serem mais apropriados para falar sobre as formas de se pensar e viver do que o que até então eu tinha.

Aprendi a abandonar meu chão e pisar nos pisos frios e refinados da universidade. Logo, precisei me calçar, calçar de certezas, de pompa, de domínio do saber. Esse era o caminho, e foi. Me transformou, ao mesmo tempo que só hoje percebo que me afastou. A espiritualidade, os hábitos, as maneiras e formas de ser e viver foram revisitadas.

Não se podia mais acreditar “em qualquer coisa” ou agir “de qualquer maneira”. Mas "quando me pedem que eu deixe partes de mim de fora(...), essas pessoas não estão recebendo uma pessoa inteira (...) e, cada uma de nós precisa de todos os diferentes aspectos e partes de nós mesmas para estarmos presentes e totalmente engajadas" (Anzaldúa, 2021, p. 118).

O vigiar e punir por meio da seriedade científica, que dizia quem teria bolsa, quem teria vaga no mestrado; quem teria, quem teria, quem teria... a razão. Quem domina mais a razão, o saber? Sempre alguma abordagem teórica poderia responder melhor às questões humanas, e para essa disputa, por ora velada, por ora nem tanto, os conceitos na ponta da língua. Finalmente eu falava a língua deles...

Um choro vem ao me recordar disso. Sinto. E percebo que, apesar disso, nunca

deixei de sentir e isso me traz aqui. Mesmo que o colonialismo científico tenha efetivado suas artimanhas patriarcais e eurocêtricas para mostrar-se promissor, algo a mim e em mim escapava. Embora ainda de forma cindida. Eu tinha que ser um enquanto cientista, acadêmico, psicólogo, e outro fora desses contextos, que podia experimentar a vida.

E nessas investidas fora dos muros da universidade, algumas aproximações me sustentaram, sustentaram minhas raízes que estavam buscando coerência com meu existir. A umbanda, terapias complementares e, por muito tempo, a biodanza. Que foi um sustentáculo de movimentos e questionamentos.

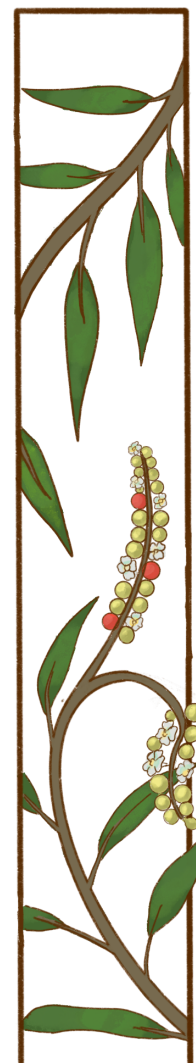
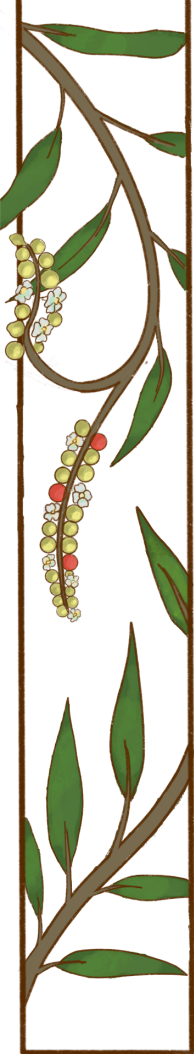
Algo fazia falta na academia. Movimento coerente com o chão. A academia não serpenteava. Não era sinônimo de alegria, de encontro, de entusiasmo, mas sim de competição, falta, peito espremido e busca de um contentamento que quase chega, mas nunca vem. Foi no mestrado em educação, não em psicologia, que começo a integrar minhas partes.

A interseccionalidade e estudos decoloniais faziam parte do programa. Pude começar um movimento tímido, mas que foi ganhando espaço. Nesse tempo de mestrado, minha vó se encanta. E ao se encantar, ela passou a viver em mim. Hoje percebo. Os mistérios são epistemologias do viver.

Meu corpo-território foi gradativamente repensando as lógicas depositárias da educação que recebi. O convite não é excluir o que recebi e o que me serve à produção científica, mas de sempre criar brechas, respiros, fugas e rupturas àquilo que prontamente vem querer ser a razão sufocante de sentires. Meus pés e cabeças podem caminhar juntos. Minha história, meus afetos, minhas mandingas, minhas danças também escrevem a ciência.

A ciência feita num país plural, no qual produz apenas um microextrato dando consciência da pequenez, mas revolucionária por não mais aceitar encobrir-se por verdades outras que não consideram nossas riquezas. De um Brasil que necessita se reconhecer produtor. E de micro em micro histórias que compõem a psicologia enquanto ciência, podemos ler e movimentar mais a subjetividade de onde habitamos e agimos.

Encantamento, seria uma possibilidade que a psicologia brasileira exerce? Que possamos ouvir mais nossas avós. Elas querem contar histórias. Elas querem movimentar certezas. Uma psicologia mais feminina, dita por mulheres, dita por diversidades, pluralidades, por artimanhas do existir, do contorcer as certezas de quem



as tem demais. Na ginga, no afeto que desconcerta.

Não faz muito sentido para nós a psicologia frustradora. A psicologia corretiva, a psicologia arbitrária. A psicologia solitária, a psicologia de quatro paredes. Está na hora de abrimos as janelas, deixarmos as portas entreabertas para a rua. Que o medo fique no seu lugar defensivo e não repreensivo.

Luiz Simas fala que tem morto mais vivo que pessoas vivas (Simas, 2019). Essa é a necropolítica. Tudo o que o sistema operativo sobre nossos corpos quer é que não pensemos sentimos. O pensamento que mais somos treinados a ter nesse sistema capitalista patriarcal cristão é de obedecer para não ser punido, para não sentir culpa. Culpa e medo caminham juntos nessa lógica. Fazem-nos acreditar que nosso sincretismo, nossas encruzilhadas, misturas, encontros, mestiçagens, pontes não são lógicas pela falta de “pureza”; a ciência reproduz isso o tempo todo, quando não se questiona. Fazem-nos acreditar loucos, ilógicos, emocionados.

Como se, ao sermos viscerais, dos pés à cabeça, fôssemos menos. Aqui, "custa-nos dizer o que pensamos e nos conscientizarmos desse pano de fundo pulsional, de conflitos e vergonhas inconscientes" (Cusicanqui, 2020, p. 30). Quem tem medo do quê? Somos nós?

O encanto, portanto, é uma lógica. Uma lógica que se sente no arrepio, no deixar-se ser afetado, no contentamento, no gozo de estar vivo, no transe. A emocionalidade contém lógica, razão e, a razão contém a emoção, o sentir. Quem separa isso é a ciência moderna. Como meio de controle sobre os corpos. Sobre quem governa quem. Corpos, comunidades que se autogovernam são perigosas de serem controladas...

A serviço do que e de quem o saber da psicologia está?

A fronteira entre razão e emoção, entre dentro e fora, científico e não científico, entre saber e não saber, se sustenta pela violência. O saber colonial cria mitos, mitos vivem longe da realidade, vivem em ideais. O pensamento e a produção de desejo do colonizador e de toda epistemologia colonizadora pressupõe a criação objetiva e subjetivamente de mitos heroicos.

De onde surgirá o cuidado perfeito, o diagnóstico preciso, a cura para o sintoma, o acerto no protocolo, o efeito esperado, a salvação. O acerto, a perfeição, a vida sem vestígios, a elevação. Não seguir essa lógica causa medo, medo de ser “o outro”, o monstro. O contrário.

A sociedade colonial produz desejos nos colonizadores e em nós, os sujeitos a supostamente serem colonizados. Um desses efeitos é a produção do inimigo de si

mesmo aos colonizados. Uma articulação do auto ódio frente a uma vida onde deve-se.

O capitalismo produz a desigualdade de gênero, raça, sexualidade, classe social e neurodiversas dizendo quais são as subjetividades do centro e quais são as subjetividades periféricas, geralmente as que serão olhadas pela psicologia como a serem corrigidas. O capitalismo busca reproduzir subjetividades em série, pois assim, é mais fácil de se ter o controle sobre os corpos. Para eles a norma, para nós, o horror a ser anunciado.

Toda produtividade colonial é uma descoletivização. Não podemos mudar o mundo, mas podemos balançar ele; balançar o mundo é chacoalhar as certezas, ou melhor, as produções de verdades. Afinal, "não pode haver um discurso da descolonização, uma teoria da descolonização, sem uma prática descolonizadora" (Cusicanqui, 2020, p. 101).

Encantamento é espaço de sentirpensar que nada me falta, que os excessos são bem-vindos. Que a multiplicidade que tanto assusta a norma é potência de vida. Que nem tudo precisa e será lido pela razão, pela intelectualidade cega ao sentir. E isso é garantia de que não nos conseguiram calar e nem calarão.

A vida ginga e encontra meios, mesmo quando não se era esperado. Aqui está. Desejar pelo excesso. Pelas forças que movem, pela intuição, pelo saber ancestral que traz alívio; desejar pelos abraços, cheiros, sabores; desejar pelo que escapa entre nossas diferenças, desejar as diferenças; desejar pelo escuro, pelo que é opaco, pelo que move sem se saber, o tempo todo. Entendendo que "a força do desejo que surge da alegria deve ser definida pela potência humana e, ao mesmo tempo, pela potência da causa exterior, enquanto a força do desejo que surge da tristeza deve ser definida exclusivamente pela potência humana" (Spinoza, 2007, p. 168).

Desejar a cor, as cores, os afetos que sempre são mais de um só. Desejar novas estéticas, nossas cadeiras de plástico, nossa falta de acabamento, desejar o descanso mesmo quando se é dito inadequado assumir ele. É preciso assumir a responsabilidade de "contestar (...) a generalização universalizante do tempo judaico-cristão. E é esse o papel dos pensamentos divergentes, dos poetas loucos e dos relativistas heréticos" (Glissant, 2021, p. 87).

Reivindicar afetos gostosos, flexíveis, desejar boas risadas e o contorno das situações aprisionadoras. Dançar quando se estiver triste ou preocupado. Lembrar ao corpo de seu movimento e que seu movimento corpo-território seja lugar de desejos. E, sobretudo, que "é preciso deixar dormirem em nós os nomes que conduzem à

melancolia" (Glissant, 2021, p. 64). Que, apesar de, a vida seja celebração. Concluo que não há respostas fechadas, mas encruzilhadas. O convite é para uma travessia: uma Psicologia que se constrói no encontro e um desses encontros está entre saberes ancestrais e práticas contemporâneas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GLISSANT, Édouard. *Tratado do Todo-Mundo*. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SIMAS, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.